

Kankai Ibun Dai 12 Kan

Informações exóticas ouvidas na viagem ao redor do mundo

VOLUME 12

TEXTO ORIGINAL: OTSUKI Gentaku e SHIMURA Hiroyuki org.
Kankai ibun - dai 12 kan. 1807¹.

TRADUÇÃO: Tomoko Kimura Gaudioso

REVISÃO: Paulo Warth Gick

No dia 16 de junho, concluíram-se os preparativos, de modo que iniciamos a viagem². Por dois dias, a água continuava doce apesar da paisagem, que parecia ser de mar. Juntamos a água na palma da mão e a provamos; realmente não sentimos nenhum sabor salgado. À medida que fomos para o alto mar, passamos a ver as montanhas ao longe como se fossem nuvens ou névoa.

Acredito que este mar a que eles se referem trata-se do local chamado *Oostosei* pelos holandeses. Como o rio liga a Capital ao porto, é possível que inicialmente fosse água doce. Verificarei confrontando a informação com os dados do mapa.

O navio parou em *Konpeikawa* (*Kopenhagen*), no país chamado *Dantsuke* (*Dinamarca*), lá pelo dia 4 de julho, após navegar por 2400 *ri*³ desde *Kanasuta*, se não me falha a memória.

¹ O livro consiste em anotações dos depoimentos dos naufragos após o retorno ao Japão, intercalados com comentários dos organizadores do livro, Otsuki e Shimura. Para diferenciar entre os depoimentos e os comentários, os últimos são impressos em negrito, às vezes entre parênteses, às vezes não. Foi mantido o estilo do original. Os nomes dos lugares e dos objetos estão escritos em itálico e foram transcritos, mantendo-se pronúncia original em letra japonesa, com as variantes. Os nomes próprios das pessoas naturais foram mantidas no formato original na medida do possível. Em relação às datas, há distorções entre os calendários russo e japonês da época quando foi elaborada a documentação. Há distorções também nas datas que os marujos memorizaram, mas que não foram registrados por escrito. Na tradução, portanto, as datas foram transcritas como aparecem no original. Cabe salientar que, na época, o então império russo usava o calendário juliano, o Japão, o calendário lunar e os países ocidentais, por sua vez, usavam em geral o calendário gregoriano, o que está em vigor atualmente em quase todos os países do mundo.

² Este volume 12 inicia com a saída do navio do Porto de São Petersburgo, Rússia.

³ *Ri* – medida de distância adotada no Japão até ser introduzido o sistema métrico. Cada *ri* corresponde a 3,927km de distância.N.T.

Durante a estada nesse local, concluíram a divisão de quartos no navio, assim como o preparativo da carga. Esse local pode ser considerado como península do continente e fica defronte à costa do país chamado *Sweitsuke*. A distância entre essas terras é muito estreita. Tem-se a impressão de que não mais do que uns dez barcos colocados lado a lado poderiam passar por esse estreito. Dizem que o clarão das fogueiras de *Sweitsuke* pode ser vista na outra costa. Ouvi dizer que esse país tem relação de parentesco com a Rússia.

Parece que em seu território há zonas habitadas onde os aglomerados de casas chegam a ter 2ri de extensão. Pareceu-lhes que tanto a forma de construção dos prédios, o traçado das ruas, e o tipo de templos também se assemelhavam aos de *Petoriburuka*⁴. A aparência dos homens e mulheres também era semelhante. Lembram que os chapéus eram um pouco diferentes. Durante a estada, o emissário desembarcou do navio e permaneceu numa casa alugada em separado. Além disso, toda pólvora que havia no navio também foi desembarcada. Indagados a respeito, eles responderam que é uma regra deixar um refém e entregar a pólvora durante a permanência de uma embarcação em país estrangeiro.

Disseram que ficaram nesse porto por alguns dias e, por ocasião da partida, pagaram muito dinheiro, tanto pelo aluguel da casa como pela taxa portuária.

Um médico e um pintor embarcaram nesse porto. Tajûrô desembarcou e visitou a cidade (disseram que ele desembarcou em todos os lugares em que o navio aportava. Mas foi uma lástima não ter conseguido entrevistá-lo pois estava doente e não melhorou mesmo após sua chegada a *Edo*⁵). Os demais permaneceram no navio.

Os russos transitavam entre o navio e terra.

(Acredito que a palavra *Dantsuke* indique *Denemarka*. Dizem que sua Capital se chama *Koppenbaaga*. Acredito que a sede administrativa desse país se situa numa ilha próximo a continente. Ouvi dizer que *Koppekawa* é uma corruptela de *Koppenbaaga*. *Dansu* é o nome arcaico de *Denemarka*. *Koppekawa* fica na costa leste da ilha chamada *Zeiranto*, à leste desse país. Há um estreito chamado *Sondo* (*Ereson*) que se defronta com terras da *Swecia*. Aparece em vários mapas. Aparece minuciosamente no texto em japonês-holandês.)

No dia 27 do mês corrente partimos do porto de *Koppekawa* e dali saímos para o oceano. O capitão mostrava-se muito preocupado por se tratar de um local cheio de recifes. Mais ou menos no dia primeiro ou dois de agosto passamos pelo mar territorial do país chamado *Angeli*.

À meia noite, apareceu um navio de guerra que disparou o canhão várias vezes, com tiros de festim, na direção do navio com os naufragos. Como o navio não possuía canhões com os quais pudesse responder, o barco de guerra aproximou-se, tratando o navio sob suspeita. O emissário *Rezanov*⁶ ordenou ao capitão que

⁴ *Petoriburuka* - St. Petersburgo (atual Petrogrado). N.T.

⁵ *Edo* - nome antigo de Tóquio. N.T.

⁶ *Resanov* - Nome completo é *Nikolay Petrovich Rezanov*. Foi o diplomata enviado pela Rússia com objetivo de firmar um tratado comercial com o Japão no período *Edo*. Não conseguindo seu objetivo, retornou para Rússia levando a negativa do Governo Japonês. N.T.

perguntasse qual era a origem do tal navio. O capitão subiu ao mirante e usando *rúpuru* (um aparelho que transmite a voz para longe; os holandeses chamam-no de *rúpuru*. Os naufragos não se lembram como se chamava em russo), perguntou em voz alta pela razão do ataque ao navio e com qual nacionalidade os haviam confundido, eles responderam que pertenciam à marinha inglesa e perguntaram de onde vinham e por qual razão estavam naquele local. Respondeu-lhes que se tratava de um navio emissário da Rússia ao Japão e que haviam sido atacados sem motivo. Pareceu-me que ficaram espantados com tal resposta. Explicaram que confundiram-nos com navio de guerra inimigo devido à escuridão da noite e desculparam-se. Baixaram as velas, pediram mil desculpas e trouxeram iguarias para pedir perdão. O emissário parecia não aceitar simplesmente essa desculpa. Não sabem que tipo de negociação houve, mas logo o emissário subiu a bordo do navio inglês acompanhado por apenas quatro ou cinco pessoas. O emissário ordenou ao encarregado que aportasse o navio no porto inglês e que o esperasse. Parece que ele foi até a Capital.

Indagando sobre o acontecido a uma pessoa da embarcação, ele respondeu-lhes que a *Haransôsuke (França)* e *Inglaterra* estão sempre em guerra e que da última vez a França foi derrotada. Na opinião dele, o navio de guerra inglesa estava guardando a costa para evitar que o ataque fosse revidado e os confundiu com o navio inimigo, por terem passado na escuridão, e assim os atacou. Ele mostrava-se ansioso para saber como o emissário resolveria o problema na Capital (deve ser *Londres*) do país estrangeiro.

O navio, conforme a ordem, aportou num certo porto e esperou o retorno do emissário. Era um grande porto. Viam-se muitos navios de guerra.

Havia uma frota de navios de guerra e também muitos navios franceses capturados na guerra. Na costa, havia muitos canhões, havia também navios estrangeiros com velas de três andares. Nesse porto, embarcaram água, lenha e alimentos (o abastecimento do navio ocorreu em todos os lugares onde aportou).

Acredito que o nome *Angeli* se trata da *Angelia*; é o que chamamos de *Inglaterra*. Dizem que é uma ilha, mas que é um país mundialmente famoso e bonito. Sua Capital chama-se *Londres*. Dizem que foi derrotado pela *Rússia* e apesar de não ser subordinado a ela, há vários tratados firmados. Os russos disseram que foi por isso que criticaram duramente o comportamento dos ingleses. Não sei como o emissário resolveu o problema na Capital. O respeito a esse país está bastante claro na nota de explicação. Não se lembram do nome do porto. (segundo análise do mapa da rota de navegação traçada em vermelho trazido pelos naufragos, observa-se que ao sul de Londres há um ponto em vermelho. Outro ponto vermelho é a praia à sudoeste, praia de *Hamuto* e aí inicia o traço vermelho. Será que esse ponto em vermelho é o local que Rezanov desembarcou quando foi a Capital? Acredito que o porto onde permaneceram esperando Rezanov trata-se do porto de *Hamuto* pois é dali que parte o traço em vermelho. *Hamuto (Purimasu)*⁷ consta como *Harmut* ou *Halmout*⁸ no mapa dos holandeses. É uma região do Estado de *Cornwall*, na *Inglaterra* e possui um grande porto.)

⁷ Plymouth. N.T.

⁸ Falmouth. N.T.

Um dos naufragos trouxe um mapa mundi de metal (o mapa era dividido, em quatro partes quadradas⁹ e um mapa esférico¹⁰ representando os continentes) mas todos foram confiscados pelo Bakufu¹¹. No mapa quadrado aparece uma linha vermelha. Esses mapas foram apresentados por um funcionário do navio durante a estada em *Nagasaki*. Ele disse aos naufragos que presenteava o mapa mostrando a rota marítima que viajaram, já que os mapas comprados na Rússia não mostravam o caminho que eles haviam traçado. Esse material foi-me (Shigekata¹²) mostrado para servir como material de consulta para executar o presente trabalho. Assim, analisei o material, mandei compilar os mapas em quatro vias, e traduza para o japonês as palavras, designando os nomes dos locais, inclusive o traço em vermelho. Nesse traçado estão anotados todos os dias com as letras em russo. Isso também foi compilado e fornecido ao governo. Além da compilação do mapa original, ordenaram-me que confeccionasse um mapa à parte. Nele foi anotada somente a rota marítima, traço em vermelho e dias, traduzidos para o japonês. (dizem que a confecção desse mapa e a tradução minuciosa foram ordenadas pelo Senhor Katada ao Senhor Hazama.)

Bem, a anotação dos dias constantes sobre o traço vermelho mostra divergência gritante em relação àqueles que os naufragos lembram, mostrando que eles são muito ignorantes. O que foi fornecido pelos russos é confiável visto que são tirados do diário de bordo. Baseado nisso, com as devidas anotações, pode-se verificar a verdade, conforme demonstra o texto a seguir (esse traço vermelho e a anotação dos dias indicam, na verdade, a saída da Inglaterra até a chegada em *Nagasaki*. O caminho de *Peterusburgo* até a *Inglaterra* foi omissos. Talvez isso seja devido ao conhecimento público da rota até o porto da *Inglaterra*, ou seja, por ser mar interior. Como todas as pessoas da *Europa* estão familiarizadas com a navegação, em todos os países há vários mapas que indicam as rotas marítimas. Acredita-se que esse mapa também tenha sido traçado para servir de referência à posteridade). No documento traduzido para o japonês em *Nagasaki* consta que partiram de *Peteruburugu* no dia 11 de agosto de 1803, no calendário deles (esse é o calendário russo e corresponde a 24 de junho do ano três da era *Kyowa*¹³). Os naufragos lembravam-no como sendo o dia 12 de junho do Ano do Porco¹⁴. Não se sabe se essa divergência ocorreu devido à diferença do nosso calendário com o dos russos ou se deve atribuir a erro de memória. De qualquer modo, como não há anotação de rota traçada entre a Capital (*Petersburgo*) e a Inglaterra, não se pode comprovar nada.

⁹ Planisfério.N.T.

¹⁰ Projeção de Mercator .N.T.

¹¹ O Japão da época estava sob um regime ditatorial militar (Bakufu) instituído em 1189, cujo líder era denominado "Xogun".N.T.

¹² Shigekata – outro nome do Gentaku Ootsuki (1757 – 1827). O nome de infância é Yôkichi. Fonte: SUGIMURA, *Kankai Ibun*, p. 496.N.T.

¹³ Era *Kyowa* – a era *Kyowa* corresponde ao período de 1801 a 1804 DC. N.T.

¹⁴ Do calendário Chinês, adotado pelos japoneses; no caso, 1803.N.T.

A saída do porto da *Inglaterra* ocorreu no dia 23 de setembro de 1803 do calendário russo (correspondente a 2 de agosto do nosso calendário). A partir desse momento, calculei o calendário conforme o nosso calendário¹⁵ baseando-se nas datas anotadas pelos russos. Assim, observa-se a diferença entre as datas apresentadas pelos naufragos. E de qualquer modo, pretende-se provar o fato considerando as datas fornecidas pelos naufragos como dado concreto e as datas anotadas na linha vermelha como referência.

No dia 12 ou 13 do mesmo mês, o emissário que terminou seus trabalhos na Capital voltou, de modo que nosso navio partiu imediatamente.

Verificando a rota, a saída foi no dia 23 de setembro, correspondente ao dia 8 de agosto do nosso calendário. Há uma diferença de aproximadamente 5 dias em relação a data fornecida pelos naufragos. A rota traçada em vermelho inicia aqui.

Depois de zarpar, o navio tomou rumo ao sul. Não se pôde ver nenhuma ilha ou algo semelhante ao seu redor. Porém, ouvimos, pouco depois da partida, que havia um país chamado *Garantsuke (Holanda)*, ao lado esquerdo.

Aproximadamente no dia 3 de setembro, aportamos no local chamado *Kanaria*.

Analisando a rota marítima, eles chegaram em *Santa Cruz de Tenêfe da Ilha de Betsuro* uma das *Ilhas Canárias*, no dia 9 de setembro do calendário russo. Permaneceram ali até o dia 15, num total de sete dias, partindo no dia 16. O dia 9 de outubro do calendário russo corresponde a 23 de agosto do nosso calendário. Ou seja, a estada foi do dia 24 ao dia 30, portanto, seis dias.

Acredito que esse local pertença à *África*. Vários países consideram as *Ilhas Canárias* como ponto de grau zero. Deve ser por isso que aportaram nesse local e realizaram a medição. Esse local é formado por uma aglomeração de várias ilhas. O nome desse local é *Canária*. *Betsuro* é outra maneira de chamá-la. Os naufragos apenas lembraram do nome geral.

(Observando novamente a rota marcada em vermelho, pode-se constatar que o local onde o navio aportou chamava-se *Tenarifu* (ou seja, *Teneriha*) e não *Betsuro*. A tese anterior está errada. *Teneriha* é a ilha onde os holandeses consideram ponto zero dentro das *Ilhas Canárias*. Mais a oeste, precisamente na altura do grau zero entre oeste e leste aparece o nome da *Ilha de Beruro* (chamada de *Ilha de Ferro* pelos chineses). Os russos consideram essa *Ilha de Ferro* como ponto zero seguindo o exemplo dos franceses.)

¹⁵ Acredita-se que as datas mencionadas a partir desse apontamento são as datas já convertidas para o calendário japonês vigente na época, baseado no calendário lunar.N.T.

O calendário marítimo indica a data de viagem desde a *Europa* até a *África*:

Calendário deles	Nosso calendário
23 de setembro	8 de agosto
25 de setembro - Saída da <i>Anker</i> ¹⁶	10
27	12
29	14
1º de outubro	16
03	18
05	20
07	22
09	24
24	09
26	11
28	13
30	15
02	17
04	19
06	21
08	23

Assim, chegaram às *Ilhas Canárias* em dezesseis dias (Permaneceram nas *Ilhas Canárias* durante seis dias, do dia 25 a 30 no nosso calendário).

Disseram-nos que essa ilha pertence a *Ishipan* (*Isupaniya*¹⁷). Havia muitas ilhas pequenas ao seu redor. O porto não permitia a chegada do navio até a terra, portanto, o mar não era bom. Pareceu-nos que a área da ilha se assemelhava à de nosso *Kyushu*¹⁸. Também, na ilha, observamos uma montanha alta. Esse local era bem quente. Os nativos andavam seminus vestindo somente calças curtas. Eram parecidos com os negros, mas eram mais claros. Os cabelos eram cortados em linha reta. Segundo o que o timoneiro do navio chamado X contou para nós, essa terra está situada no mesmo grau de latitude do *Japão* e que as temperaturas são semelhantes (é difícil de acreditar nessa tese). Mesmo nesta época, não se pôde vestir uma roupa grossa como *wataire*¹⁹. Os habitantes da ilha trouxeram para o navio os produtos da terra para vender.

¹⁶ Ankeri: é a pronuncia japonesa dada pelos náufragos ao nome da Inglaterra.N.T.

¹⁷ Isupania: assim era conhecida a Espanha no Japão.N.T.

¹⁸ Uma das quatro maiores ilhas do arquipélago japonês, situada a sudoeste de Honshu, a ilha principal.N.T.

¹⁹ *Wataire*- é uma vestimenta japonesa de inverno, acolchoada de algodão para evitar o frio. N.T.

Uva (era grande. Dizem que ali produzem muitas uvas desse tipo).

Vinho. Acredito que se trata do vinho famoso chamado de Vinho das *Canárias*. Deve ser pelo fato de ali produzirem uvas finas. Dizem que o pássaro chamado por nós de *Kanaríá*, ou seja, *Kanarísehógeru* também é nativo dessa ilha.

Parecia existirem ali vários tipos de produtos como laranja, pêra, bergamota, maçã, cebolinha, repolho (acredito que esse tipo de produto haja o ano todo), porco, galinha, cabra, pato, etc.

Compramos esses produtos e os comemos a bordo do navio. Também suprimos o navio com esses produtos. Água e lenha também foram colocadas a bordo. A tripulação transitava entre a terra e o navio. Lembramos que só Tajúrú desembarcou nesse local. Nesse lugar, compraram também um cadáver encaixotado. Não nos aproximamos dele por acharmos aquilo repugnante. Olhamos o seu conteúdo, de longe, quando eles abriram a caixa, mas realmente se tratava de uma carcaça humana.

Acredito que era uma múmia. Tratei o assunto detalhadamente na nota de observação.

Vimos nesse local usarem moedas triangulares.

Na hora da partida, vieram uns cinco ou seis homens (vestidos com roupas de linho, parecidas com a vestimenta russa. Pareciam não estarem à vontade) de chapéus triangulares (semelhante ao chapéu usado pelo emissário) para se despedirem do navio. (Acredito que eles sejam espanhóis). Ao levantarmos âncora para zarparmos, deram tiros de salvas de canhão. Dizem que faz parte da cerimônia de despedida ao navio.

A respeito das *Ilhas Canárias*, existe em separado, uma nota explicativa bem minuciosa.

Mais ou menos no dia 10, partimos das ilhas Canárias.

Acredito que tenham partido das *Ilhas Canárias* no dia 16 de outubro, como está anotado no diário de bordo, correspondendo a 1º de setembro do nosso calendário. (A seguir, apresentarei o calendário da rota marítima que tomaram desde os mares da *África* até a *América*.)

Calendário deles	Nosso calendário
17 de outubro	2 de setembro
Do dia 18 até 30 de outubro as datas se correspondem	Do dia 3 de setembro até dia 15 de setembro as datas se correspondem
31 de outubro	16 de setembro (no calendário deles consideram 31 dias para fechar o mês)
1º de novembro	17 de setembro
2 de novembro	18 de setembro. Desde aqui, até o dia 12 de novembro do calendário deles, as datas são correspondentes até o dia 28 de setembro do nosso calendário.

Verificando o mapa, a distância percorrida entre os dias 6 e 9 foi muito curta, como se o navio estivesse à deriva. Esses, talvez, tenham sido aqueles dias sem vento mencionados pelos náufragos.

Calendário deles	Nosso calendário
13 de novembro	17 de setembro
14 de novembro	18 de setembro Desde aqui, até o dia 29 de novembro do calendário deles, as datas são correspondentes até o dia 16 de outubro do nosso calendário.

Acredito que tenham aportado em *Ekaterina, Bracili*²⁰, no dia 29 de novembro, ou seja, no dia 16 de outubro do nosso calendário. Parece-me que permaneceram aqui até o dia 7 de fevereiro de 1804 do calendário russo, correspondente a 26 de dezembro do nosso calendário. Permaneceram aqui por mais de 70 dias.

Após zarparmos, ficamos navegando aproximadamente por três dias entre as ilhas. Depois, as ilhas já não foram mais vistas. O vento passou a soprar forte e o navio andou rapidamente em direção a *tsuchinoto no uma*²¹ (sul sudeste). Após navegarmos alguns dias em alto mar, o vento amainou por uns quatro ou cinco dias, a temperatura elevou-se insuportavelmente e passou a trovejar e a chover de vez em quando. O calor continuava noite adentro. Num desses dias, celebramos uma festa a bordo por termos chegado ao centro do mundo. O capitão ofereceu vinho para os marinheiros brindarem. Esse local é chamado *Equador*. (O emissário disse que na viagem de retorno ao Japão passaria novamente por esse local).

Acredito que se trata da linha do Equador, em latim. Esse local deve pertencer ao mar da *África*. Verificando o diário de bordo, o período que corresponde à passagem pelo *Equador* deve ter sido entre 14 e 15 de novembro do calendário russo, correspondendo aos dias 1º e 2 de outubro do nosso calendário.

Segundo o Capitão, o mar entre as *Ilhas Canárias* e a *América do Sul* é o local mais calmo do mundo e corresponde à altura da linha do Equador. Segundo ele, tanto o vento como as ondas são calmas nesse local e que viajando por mais um dia, o vento passaria a soprar mais forte. Salientou que nossa presença em tal local era fantástica. Por causa das calmarias, o navio teve dificuldade em avançar. O mastro foi severamente danificado.

Além disso, segundo Ivan Hyotarowitch²², a água sob linha do Equador permanece

²⁰ Buracili: aqui aparece pela primeira menção do Brasil no *Kankai ibun*. "Ekaterina" (Catarina em língua russa) trata-se, obviamente, da Ilha de Santa Catarina e "Buracili" a pronúncia de "Brasil" fornecida por Tsudayu, provavelmente a partir do que ouvira dos marinheiros russos. N.T.

²¹ *Tsuchinoto no uma* – é a indicação de direção baseada no *i shing*, oriundo da China. N.T.

²² Trata-se do capitão do navio Nadiezheda, Ivan Fyodorovich Krusenshtern (1770 – 1846) que acompanhou os japoneses na viagem. N.T.

imóvel, dificultando a medição da distância. Disse-nos que ao atingir essa latitude, há um ponto em que o navio não se move de forma alguma mas que, quando se desloca em direção da costa continental, surge uma corrente marítima tanto para o norte como para o sul, possibilitando a medição da distância. Por exemplo, pareceu-nos que houve um sinal em algum lugar indicando que surgiria um vento que sopraria do norte se navegássemos por mais sete dias. **(É difícil de acreditar nessa história)**

Ao sul, a partir desse ponto não vimos mais nem a estrela Polar nem a constelação da Ursa Maior, de modo que ficamos muito espantados e comentamos a esse respeito. Após passarmos pela linha do Equador, avistamos um navio ao longe. Observamos o navio com a luneta. Não chegamos a perguntar qual era a sua nacionalidade. Os dois navios trocaram sinais com pequenas bandeiras e se cruzaram.

Navegando em alto mar, passamos por dois ou três dias em locais onde a cor d'água era diferente. A água tinha uma cor avermelhada e escura. Apanhamos dessa água e verificamos que a cor continuava marrom avermelhado escuro. Pensando bem, acreditamos que isso ocorreu no caminho entre as *Ilhas Canárias* e a *América do Sul*.

Contaram que o navio ia para um local chamado *América do Sul*. Ao aproximar-nos desse local, o calor ia aumentando insuportavelmente, de modo que tomávamos banho diariamente.

Na tarde do dia dez de novembro, aportamos num grande porto chamado *Ecaterina* que supúnhamos tratar-se de uma parte da *América do Sul*.

Ao analisar a nota da rota de navegação, eles aportaram-se no dia 29 de novembro do calendário deles²³, correspondente a 16 de outubro do nosso calendário. O calendário do diário de bordo citado aqui corresponde àquele já mencionado no item anterior.

Pareceu-nos que esse local é um dos maiores portos existentes na América do Sul. Disseram-nos que o território que está sob seu governo também se chama *Ecaterina*.

Ou seja, parece-me que ele é um dos portos do *Buracilí* (a tradução de *Buracilí* é *Brasil*). Tanto no mapa, como nos documentos apresentados pelos tradutores de *Nagasaki*, também consta o nome de *Buracirí*. No documento consta que existe um lugar chamado *Shinto Kanarina*, onde o rio chamado *Rio da Prata*, situado ao sul do *Bracilí* desemboca no mar. O lugar mencionado deve corresponder a esse local. (Quando se analisa minuciosamente o mapa original, observando onde o navio aportou, próximo à costa, demonstrado pela linha em vermelho, vê-se a ilha de *Sankateríni*. O fato de esse local ter sido memorizado *Ekaterina* deve ser por equívoco desse nome.)

Essa ilha situa-se aproximadamente a 28° ao sul do *Equador*. Na tabela de escala de graus editada pelos holandeses, observa-se que a ilha se localiza aos 27°45'. No mapa fornecido por *Hifner*, consta que a *Ilha de San Catarina* faz parte da costa brasileira e que se localiza a 27° ao sul do *Equador*. Ou seja, é um local plenamente

²³ Acredita-se que nesta data que os japoneses tiveram primeiro contato com o povo brasileiro, ainda na condição de colônia do Portugal. Portanto, o dia 29 de novembro de 2003 marcará o bicentenário do primeiro contato de japoneses com o Brasil. Fonte: SUGIMURA, *Kankai Ibun*, p. 343.N.T.

conhecido por aqueles que navegam. Talvez por sua localização que fica no caminho do Equador e Europa, os navios reabastecem nesse local seus estoques de lenha e outras necessidades e depois seguem seu caminho rumo ao Grande Mar do Sul. Se bem que a costa do Buracilí faz parte do território português.

Disseram-nos que esse local faz parte do território de *Portogari*. O porto é grande mas forma uma baía. É muito rasa, de modo que os navios grandes não podem se aproximar da costa. Parece que vários rios pequenos desembocam nesta baía.

No porto, havia dois navios ingleses e mais outros dois navios estrangeiros. Na praia, viam-se canhões para guardar a costa.

Os barcos dos nativos eram finos e compridos como se fossem as folhas de bambu. Seu fundo consistia em uma tábua pregada num tronco de árvore partido ao meio. O comprimento dos barcos era menor que o *tyokibune*²⁴. Ouvimos dizer que este lugar é muito quente o ano todo e não conhece o inverno. Tomávamos banho duas ou três vezes ao dia. Os russos nunca mostravam suas peles mesmo sob calor intenso. Mesmo após o banho, tratavam de pôr alguma roupa. Normalmente, eles vestiam roupas de malha. Só não usavam mantas de pele durante o verão.

Os nativos tinham peles escuras. Os negros vistos em *Peterburca* eram totalmente pretos mas os nativos deste lugar tinham cores um pouco menos escuras do que aqueles. Tanto homens como as mulheres andavam descalços e sem roupas, usando somente um *ban matabiki*²⁵. Assemelhavam-se às pessoas vistas nas *Ilbas Canárias*. Eles tinham cabelos e pelos do corpo crespos²⁶. Os olhos eram pretos. As mulheres também eram escuras. Se pareciam com as senhoras russas por vestirem roupas semelhantes a *hakama*²⁷, larga e armada, da cintura para baixo, feitas de algodão ou linho. Nas costas carregavam coisas com desenhos parecidos com os de *furoshiki*²⁸. Tanto homens como mulheres não tinham tatuagens.

As crianças também eram pretas e andavam completamente nuas. Os dentes, tanto dos homens como os das mulheres eram pretos e estavam sempre mascando uma coisa parecida com resina de pinheiro. Parecia que não paravam de mexerem a boca.

Entrando rerirório adentro uns vinte *ri* a partir do porto, havia um lugar com aproximadamente mil casas (isso foi observado por Tajyûrou que desembarcou do navio). As casas utilizavam telhas sobrepostas na base e na altura de uns 2 *shaku*²⁹ em diante, eram usadas pedras. Usava-se casca de cerejeira como telhado.

Eu não compreendi essa descrição.

Existia um templo, também. Era uma construção que possuía um objeto em forma de cruz similar ao que tem no telhado do templo russo. O seu interior não foi visto. Observando a maneira de rezar, constatamos que parecia com a nossa reza, a dos japoneses.

²⁴ *Tyokibune* – barco pequeno e esguio usado no rio Sumida, em Edo (nome antigo do Tóquio) para transporte de passageiros. N.T.

²⁵ *ban matabiki* – uma espécie de calças curtas; ceroulas. N.T.

²⁶ Acredita-se que tenham visto escravos e mulatos trabalhando no cais do porto. N.T.

²⁷ *hakama* – é uma espécie de saia-calça muito larga usada pelos homens quando vestidos a rigor. N.T.

²⁸ *Furoshiki* – pano quadrado utilizado para embrulhar e carregar objetos, formando uma trouxa. N.T.

²⁹ *Shaku* – medida de comprimento. Cada *shaku* corresponde a 30,3cm. N.T.

Acredito que esse templo foi construído pelos Portugueses.

Tsodayu desembarcou e viu o local onde se beneficiava o arroz com um moinho de água. As casas eram feitas de pedras e seus telhados eram feitos de madeira de cerejeira rachada ao meio³⁰. Vendo de longe, assemelhavam-se a casas com telhas. Cada moinho d'água tinha trinta e seis moendas.

Disseram que nesse país eram plantadas as sementes diretamente no chão e que se exportava o arroz polido para outros países.

No próprio país, é proibido comer o arroz. Preparam farinha de milho, a colocam na água quente, fazendo uma espécie de cola e a comem. Não usam muito o arroz que é exportado principalmente para outros países. O milho é igual ao do nosso país; as cumbucas são feitas de madeira.

Compramos milho para o navio a fim de usar como ração para o gado, porcos, patos e marrecos.

Havia imensa quantidade de árvores nos morros. Entre as árvores familiares havia bergamota e laranja. Bem no interior, via-se uma monranha alta. Disseram-nos que é muito difícil de escalar. Os russos também se espantaram ao olharem tal montanha.

Antes de aportar nesse local, ainda em alto-mar, o navio sofreu danos no mastro, de modo que, após a chegada, os oficiais e o emissário desembarcaram, compraram árvores em pé e construíram o mastro (**ficaram aportados nesse local por tempo considerável para resolverem vários assuntos**).

Ficaram observando a chegada da madeira no porto. Era madeira muito dura onde se misturavam partes vermelhas e pretas. Os russos chamavam-na de karasunazeriva que significa madeira vermelha.

Havia muitos produtos locais. Compraram para o navio alguns itens:

couves, nabos (**finos, não tinham alteração no sabor**), rábanos (**redondos**), melões chineses, melões, melancias, abóboras, pepinos, uvas, pimenta (**os frutos são pequenos e as pimenteirias crescem como árvores**), laranjas, nozes (**pequenas**), maçãs, cana-de-açúcar, (**as grossas tinham o diâmetro de um punho. Compraram-na em grande quantidade para servir de alimento para o gado**) e açúcar branco.

Havia umas frutas muito grandes. A casca externa era grossa. Ao removê-la, via-se a casca interna muito dura, parte dela parecida com o rosto de uma pessoa. O seu interior estava cheio de carne oleosa, doce como nozes.

Os negros colocavam essas frutas num recipiente e vinham a nado até o navio, para vendê-las. Nós também as compramos. Ao experimentarmos, sentimos o frescor na boca e esquecemos o calor intenso, de modo que nós as compramos e as comemos várias vezes.

Perguntei acerca do nome dessa fruta mas disseram que esqueceram.

Perguntei (Shigekata) se era coco pois se tratava de um país quente (o nome nativo do coco é kôkkosu), assim, indagamos se as chamavam de kôkkosu. Tsodayu

³⁰ Acredita-se que os japoneses, ao verem as telhas de barro no estilo colonial confundiram-nos com toras de madeira de cerejeira, rachadas ao meio, por causa da sua cor escura tendendo ao vermelho. N.T.

bateu palmas e respondeu que se lembrara, com essa pergunta, que aquelas pessoas as chamavam de *kôkkosu*. Ele trouxe uma casca que usava como recipiente para beber água, dizendo que queria mostrá-la a nós. Observando-a, constatei que realmente era casca de coco. Sobre essa planta, há um documento em separado (Shigekata).

Compramos muitos cocos verdes para o navio. Ouvimos falar que *suô*³¹ era nativa da região mas não as vimos.

Existem plantas que produzem cachos de coisas compridas. O seu corpo é verde e em cada cacho crescem pencas de coisas com 3 arestas longitudinais, com dois *sun*³² de comprimento. No início são verdes mas, quando amadurecem, sua carne torna-se amarela. Colhidas verdes, a sua cor torna-se igual à coisa madura dentro de uns dois dias. O interior dessa coisa é branco e o sabor doce como *akebi*³³. Não possui sementes. Aquelas que produzem cachos com vinte a trinta pencas de coisas, chegam a atingir mais ou menos três *shaku*³⁴ de comprimento. Não se sabe como classificá-las, se é fruta de árvores ou de arbustos. Elas têm a forma aproximada do seguinte desenho:

- O algodão é semeado na terra, tanto nos morros como nas roças. É um arbusto de uns seis *shaku*. As suas folhas são grandes, mas é idêntico às do algodão (erva de algodão). Acreditamos que se trata da árvore do algodão. (talvez por se tratar de local de clima quente, as plantas sobrevivem mais que um ano, como ocorre em *Hachijô*, em nosso país.)
- Trouxeram para o navio madeiras exóticas de cor vermelha clara e que têm manchas da cor de gema de ovo. No dia em que viemos à *Nagasaki*, várias pessoas disseram-nos que se tratava da madeira de sândalo vermelho.
- Parece que nesse local há carência de peixes. Há muitos camarões.
- Todos os porcos possuem presas. Sua carne é muito gordurosa. A carne de gado também é gordurosa. Os russos disseram que suas carnes eram muito gordurosas e também não as comeram.
- Há passarinhos de cor muito bela, de cor azul e com bico e orifícios nasais vermelhos. Eles cantam fazendo *kin kin*. Quando alguém mostra a língua, eles chupam-na com seu bico. **Não perguntaram o seu nome.**
- Há peixes com carapaça quadrada semelhante a da tartaruga. Não perguntamos o seu nome. Sua pele era parecida com a do haiaçu.
- Os gatos eram malhados de três cores, idênticos aos de nosso país. Porém, pareciam serem mais ferozes. Os cachorros pareciam serem iguais.
- Havia macacos de rabos compridos. Criávamos um no navio, mas morreu durante a viagem.

³¹ *suô* – madeira de cor vermelha escura chamada pelos ingleses de *sappanwood*. Também é conhecida como *indian redwood* ou *judas tree*. No caso, trata-se do *pau-brasil*. N.T.

³² *sun* – unidade de comprimento. Cada *sun* corresponde a 3,03 cm N.T.

³³ *akebi* – árvore frutífera japonesa (aquebia quinata). N.T.

³⁴ *shaku* – unidade de comprimento. Cada *shaku* corresponde a 30 cm. N.T.

- Havia um animal cujos pêlos eram de cor cinza esbranquiçada, com um focinho comprido e rabo listrado. Seu tamanho era de uns dois *shaku* e era um animal fácil de ser domesticado³⁵. Exalava cheiro ruim por todo o corpo. Compramos quatro deles para criá-los a bordo do navio. Demos um de presente para o escritório do porto quando aportamos em *Kamichakka*. Os três restantes acabaram morrendo no navio.
- Trouxeram um animal de quatro patas à bordo dizendo que se tratava de um filhote do animal chamado *garukaruzeru*³⁶. Media uns 3 ou 4 *shaku*. A sua pele era grossa e escura. Viam-se escarnas em seus pés e espinhos no rabo. A sua boca tinha abertura de uns sete *sun*, cheia de dentes desencontrados. Em cima dos olhos tinham coisas que se pareciam com calos. Cada pata tinha três unhas que mediam em torno de um *sun* de comprimento. Disseram-nos que esses calos de cima dos olhos transformavam em chifres quando crescem, e que vivem tanto no mar como nas montanhas e que chegam a caçar e a devorar homens. Vendo o desenho do dragão, o achamos parecido. Chegamos a comentar que se tratava realmente de um filhote de dragão. Os russos mataram-no, colocaram uma substância química branca, e retiraram suas vísceras e olhos. Em lugar dos olhos colocaram esferas e conservaram-no como se estivesse vivo.

Segundo o desenho de *Korokojiru* apresentado, trata-se de um crocodilo. *Garukaruzeru* é pronunciado de forma semelhante a *korokojiru*, assim como seu aspecto físico. Quando mostrei a gravura holandesa, disse que era quase idêntica, com poucas diferenças. Conforme a descrição fornecida pelos naufragos, elaborou-se a seguinte figura conforme demonstrada a seguir. A explicação sobre *korokojiru* está disposta num documento à parte.

- As compras nesse local são feitas com as moedas da *Ishipantsuke* (*Espanha*).

Permanecemos nesse local por certo período e, após concluirmos os preparativos, zarpamos do porto da *Ecaterina* no dia 28 ou 29 de dezembro (o período de permanência está claramente anotado em parágrafo anterior).

Constata-se no diário de bordo que a data da partida tenha sido 8 de fevereiro de 1804. Esta data corresponde a 27 de dezembro de 1803 do nosso calendário. Mais ou menos coincide com aquela data que foi memorizada pelos naufragos. Assim, eles permaneceram nesse porto por aproximadamente setenta e um dias.

Após partirmos desse local navegamos para o sul. Aré então suportávamos o calor despindo nossas roupas, mas à medida que a viagem prosseguia, passamos a sentir frio. Chegamos, então, no local que diziam ser o cabo mais ao sul do continente americano. Ao indagarmos aos tripulantes, eles responderam que o local se chamava *Gorinomesu*⁷⁰, um lugar de frio intenso. Disseram também que, contornando o cabo e indo para o norte, a temperatura

³⁵ Provavelmente tratava-se de um quati.N.T.

³⁶ Trata-se, provavelmente, de um jacaré de papo amarelo.

⁷⁰ *Gorinomesu* – trata-se de estreito de Magalhães contornando a Terra do Fogo, memorizado erroneamente pelos viajantes.N.T

iria elevar-se novamente. Via-se do navio uma montanha que fumegava e exalava fogo intermitentemente.

Acredito que se trata do local chamado de *Hyuruland* (Terra do Fogo) pelos holandeses.

Nessa região sopra um vento extremamente desfavorável de modo que o navio não pôde contornar o cabo e foi à deriva em direção ao sul por alguns dias. Acreditamos que estávamos em março do ano seguinte. Nevava e estava muito frio. Todos os tripulantes a bordo pareciam estar preocupadíssimos. Contaram-nos que, se o navio fosse mais para o sul, à latitude superior a 70°, já não poderíamos navegar porque a superfície do mar ficaria congelada.

Eles disseram que chamavam a latitude de setenta graus de *seimute satsu garato*. Os tripulantes contaram aos náufragos que isso acontecia devido a proximidade ao pólo sul, assim como ocorre com o pólo norte. No mapa francês há um desenho do mar de gelo sob o Pólo Sul. Saindo da primeira ilha, ao tentarem ir para *Sampamiyau*, que parece localizar-se na latitude de 70° próximo ao pólo norte, os náufragos chegaram até o local mais próximo do pólo sul. Essa chegada aos dois pólos nunca havia sido realizada antes. É um fato totalmente inédito e espantoso. Devo explicar que a *América do Sul* é estreita e comprida no sentido norte-sul, abrangendo tanto uma região quente como uma região fria.

Disseram-nos que até os 70°, há possibilidade de navegação mas que não podiam ir além. Todos afirmavam que era uma zona muito perigosa. Desejávamos que soprasse o vento oeste, para que o barco se movimentasse em direção à *Dobra Nadiexbeda*³⁸.

No mapa que nos foi entregue há menção do *kaapudegudeboopu* na África (nome atribuído pelos holandeses ao *Cabo da Boa Esperança*). Esse local é território da Holanda, apesar de ser um cabo africano. Creio que desejar que o navio desviasse a rota para o leste seria demasiadamente perigoso já que a rota originalmente prevista era para o norte.

Passado algum tempo, o vento mudou de direção e amainou, de modo que, após passar por *Gorinomesu*³⁹, o navio navegou rumo ao norte. Como nos haviam comentado, a temperatura aumentou.

Passamos por um local onde tivemos a impressão de que a água borbulhava do fundo do mar. Pensando bem, pode ter sido nesse lugar.

Diário de bordo até as *Ilhas Marquesas*

Calendário deles	Nosso calendário
08 de fevereiro de 1804 (saída da América)	Ano de porco, 27 de dezembro
09 de fevereiro	28 de dezembro
10 de fevereiro	29 de dezembro
11 idem	Ano do Rato, 1° de janeiro ⁴⁰

³⁸ Como já foi explicado anteriormente, a palavra *Nadiexbeda* significa “esperança” em língua russa.N.T.

³⁹ Vide nota 42.N.T.

⁴⁰ Neste caso, Ano do Rato refere-se a 1804, primeiro ano da Era Bunka.N.T.

Os náufragos disseram que o ano novo havia entrado 3 ou 4 dias após a partida da *Santa Catarina*.

Calendário deles	Nosso calendário
12 de fevereiro	Ano do rato, 02 de janeiro
13 de fevereiro	03 de janeiro
14 de fevereiro	04 de janeiro

Equiparei as datas até dia 14 de janeiro do nosso calendário e 15 de fevereiro no calendário deles.

No espaço de tempo entre dia 04 e 14 de janeiro do nosso calendário, há uma considerável diminuição no progresso da viagem. Equiparei as datas a partir do dia 16 de janeiro do nosso calendário e 25 de fevereiro no calendário deles.

Calendário deles	Nosso calendário
29 de fevereiro	19 de janeiro

Hazama⁴¹ aponta que onde está escrito dia 29 aparece marca de ô. Essa deve ser a marca do dia bissexto. Na *Rússia*, fevereiro é chamado de *heborare*. (fevereiro termina normalmente no dia 28. O fevereiro do quarto ano contém 29 dias. É o dia bissexto. Onde os náufragos afirmam que fevereiro tem 28 e 29 dias indicam, na verdade, esses dias. Os esclarecimentos sobre outros meses serão feitos no documento à parte).

A letra “Φ” lê-se “efu”, correspondente a pronúncia da primeira letra da palavra *heborare*⁴². Acredito que eles usam essa letra para indicar o dia bissexto.

Calendário deles	Nosso calendário
1º de março	20 de janeiro
2 de março	21 de janeiro

⁴¹ Shigetomi Hazama (1756-1816)- astrônomo nascido em Osaka. Inventou aparelhos de medição de alta precisão de corpos celestes. Foi responsável pela mudança do calendário antigo para o calendário ocidental no Japão.N.T.

⁴² Nessa época, o que hoje é lido como /ha/, /hi/, /fu/, /he/, /ho/, em língua japonesa, tinha o valor fonético de /fa/, /fi/, /fu/, /fe/, /fo/, conseqüentemente, *heborare* deveria ser lido /feborare/, conforme F = f no alfabeto cirílico. N.T.

Equiparei as datas a partir do dia 03 de março no calendário deles até 30 de janeiro do nosso calendário.

Calendário deles	Nosso calendário
12 de março	1° de fevereiro
13 de março	02 de fevereiro
14 de março	03 de fevereiro

Equiparei as datas a partir do dia 14 de março no calendário deles, 03 de fevereiro do nosso calendário até 29 de março do calendário deles, 18 de fevereiro do nosso calendário.

Do dia 5 a 18 do nosso calendário, parece-me que permaneceram em *Gorinomesu*. Vendo a rota marcada, pode-se verificar que a nau navegou muito pouco nesses dias, levando em torno de 14 dias aproximadamente. Percebe-se, pela distância percorrida entre dias 18 e 19, que somente então encontraram vento favorável à navegação.

Calendário deles	Nosso calendário
30 de março	19 de fevereiro
31 de março	20 de fevereiro
1° de abril	21 de fevereiro
02 de abril	22 de fevereiro
03 de abril	23 de fevereiro

Equiparei as datas a partir do dia 23 de fevereiro no nosso calendário até 08 de abril do calendário deles, 28 de fevereiro no nosso calendário.

Do dia 18 a 28 do nosso calendário, parece que passaram-se dez dias regulares. Da partida da *Santa Catarina* até este ponto levaram uns 62 dias. Nesse trajeto, passaram pela experiência de ir quase além dos 70° sul. No dia 28, com vento favorável, a nau cruzou o cabo em direção ao norte.

Calendário deles	Nosso calendário
09 de abril	29 de fevereiro
10 de abril	1° de março

Equiparei as datas a partir do dia 11 até 30 de abril do calendário deles ao nosso calendário. (O dia 30 de abril do calendário deles) corresponde ao dia 21 de março.

Calendário deles	Nosso calendário
1° de maio	22 de março

Segundo Hazama, o mês de maio deles se chama *maai*. Neste ponto pode-se observar o sinal de “M”. É a primeira letra de “MAN”. Essa letra deve ser um dos símbolos do diário de navegação. Localiza-se no mar do oeste da *América*. Como o símbolo utilizado no dia bissexto, este também deve ser uma marca para verificar o calendário da rota marítima.

Equiparei as datas a partir do dia 02 até o dia 08 de maio do calendário deles ao nosso calendário. O dia 08 de maio do calendário deles corresponde ao dia 29 de março do nosso calendário.

Calendário deles	Nosso calendário
09 de maio	30 de março
10 de maio	1° de abril
11 de maio	02 de abril
12 de maio	03 de abril

Equiparei as datas após isso, até o dia 23 de maio do calendário deles, correspondente ao dia 14 de abril do nosso calendário.